

O jornalismo de periferia como gênero: uma análise dos princípios editoriais da Agência Mural¹

Beatriz Rodrigues Araújo²
Cicélia Pincer Batista³

Resumo

O presente artigo explora a possibilidade de se considerar o Jornalismo de Periferia como um gênero jornalístico contemporâneo, a partir de uma breve análise da *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*. Toma-se como base o referencial teórico que permeia a compreensão do que são gêneros jornalísticos e como eles podem ser identificados, tendo como referência estudos feitos por Lia Seixas, Jorge Lellis Bomfim Medina que, partindo da bibliografia de José Marques de Melo, evidenciam os gêneros jornalísticos como princípios norteadores empregados pelo jornalista na produção de conteúdos informativos.

Palavras-chave:

Gêneros jornalísticos; Jornalismo Independente; Jornalismo de Periferia; Agência Mural

Introdução

Os estudos sobre classificação de gêneros jornalísticos são resultado do constante aperfeiçoamento de práticas desenvolvidas em função do avanço tecnológico e organizacional, tanto da sociedade quanto dos veículos de comunicação ao redor do mundo. Segundo José Marques de Melo, configurar a identidade destes gêneros enquanto objeto científico possui uma complexidade que “passa inevitavelmente pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade, ou seja, do seu discurso manifesto”. (MELO, 1985 apud. MEDINA, 2001, p. 47)

Além do pesquisador brasileiro, Luiz Beltrão e Martínez Albertos acreditam que, para identificar gêneros jornalísticos, deve-se levar em consideração os seguintes

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º semestre do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. E-mail: beatriz.ro.araujo@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); integrante dos grupos de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social (ECA-USP) e Tecnologias, Processos e Narrativas Midiáticas (ESPM-SP); professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP. E-mail: cicelia.batista@espm.br

critérios: a finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, o estilo, o modo de escrita, a natureza do tema e as articulações interculturais. Tudo isso ainda deve ser atrelado com os contextos econômico, social, político e cultural da produção jornalística. (SEIXAS, 2004, p. 5)

Baseando-se nas especificações dos autores, considera-se como princípio norteador do presente estudo a proposta do jornalismo periférico, que tem por objetivo a quebra de estereótipos sobre as regiões localizadas nas bordas das grandes cidades, ao mesmo tempo em que usufrui da produção independente como alternativa que permite a escolha autônoma dos elementos simbólicos - linguagem e estrutura - para auxiliar na construção da identidade periférica. Assim, em paralelo com as definições de gênero, o presente artigo está fundamentado no seguinte questionamento: “O jornalismo de periferia pode ser classificado como um gênero jornalístico contemporâneo?”.

A análise desta questão será efetivada a partir da noção da metodologia qualitativa de enquadramento noticioso (*news frame*), tendo como referência e objeto de pesquisa a *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*. Este percurso metodológico será guiado conforme as indicações dispostas nos *10 Princípios da Cobertura Jornalística das Periferias*, adotados pela agência de notícias e pelos estudos desenvolvidos por Ada Cristina Silveira e Mara Rovida, no espectro do jornalismo periférico.

Ressalte-se que a análise e as discussões conceituais aqui apresentadas, especialmente as que se referem ao jornalismo de periferia, à metodologia do enquadramento e à Agência Mural têm como base o projeto de Iniciação Científica “Cultura e periferia: análise do enquadramento da editoria de arte e cultura da agência mural de jornalismo das periferias”, em desenvolvimento no Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP.

Jornalismo de periferia

O jornalismo das periferias surge no contexto onde a população periférica não se sente representada pela grande mídia e há a necessidade de reafirmação identitária. A princípio, deve-se compreender que a cobertura jornalística sobre periferias em grandes veículos de comunicação promove uma identidade banalizada vinculada a violência, criminalidade, marginalização e pobreza. Ou seja,

São os acontecimentos sobre descaminhos, título jurídico genérico para os crimes contra a ordem tributária, que mais incidem sobre os critérios de seleção de notícias, tomando os espaços periféricos como periferia particular do Estado-nação. Uma atividade que traz sensíveis repercussões em termos de política de identidade e repercute na formação de uma identidade deteriorada dos espaços nacionais. (SILVEIRA, 2009, p. 161)

Partindo deste preceito, Silveira (2009, p. 162) infere que as “fronteiras e favelas estão à mercê de apropriações jornalísticas que se fazem vicárias do projeto moderno”. Assim, a mídia assume um papel de poder sobre a sociedade, que é influenciada pelo recorte apresentado e, conseqüentemente, constrói um pré-conceito associado ao que se consome sobre as periferias.

Plasma-se na cobertura jornalística das periferias um desarranjo espacial, uma espécie de estranhamento ambiental, face a sua plena territorialidade. Através dele o noticiário sobre periferias se converte numa acumulação de detritos sociais, detendo-se em dejetos resultantes do culto de integração plena responsável, ele sim, pela produção de situações que se fazem residuais. A ilusão resultante dessa ótica excludente promove vieses, ressalta o poder das autoridades, criminaliza a pobreza, discrimina cidadãos, aponta culpados sem julgamento prévio, desqualifica as sociedades em foco, fomenta relações violentas. E, como se não bastasse, atinge o projeto de nação com o qual os brasileiros são educados desde crianças ao compartilhar – ainda que fragmentariamente – o mito da democracia racial, do homem cordial, da abundância da natureza etc. (SILVEIRA, 2009, p.173)

Observando esse cenário, a população periférica busca reafirmar sua identidade e ter voz ativa nos assuntos pautados a seu respeito, o que resulta na busca do jornalismo alternativo como um ambiente de credibilidade propício para promover o jornalismo das periferias. Estima-se que este movimento teve início na década de 2010, quando as primeiras agências e blogs com esta finalidade começaram a surgir, permeando o universo das periferias da Região Metropolitana de São Paulo.

No artigo *As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo*, Mara Rovida (2018) acompanhou a programação da I Virada de Comunicação organizada pela Rede Jornalistas das Periferias, em setembro de 2017. “O evento serviu como espaço de debate e discussão sobre as múltiplas realidades que compõem as periferias, sempre apresentadas no plural para enfatizar a diversidade que as compõe”. (ROVIDA, 2018, p. 53)

A partir de então, as produções dos integrantes desta rede priorizam o olhar das periferias na comunicação para suprir a narrativa construída pela imprensa hegemônica.

Essa perspectiva periférica, num jogo quase filosófico, passa a ser central nas narrativas produzidas por esses jornalistas independentes ou coletivos de jornalistas. O motivo dessa postura tem relação com uma percepção compartilhada por esses comunicadores, por meio da qual se constata o silenciamento sistemático dos grupos identitários vinculados às periferias da grande metrópole. (ROVIDA, 2018, p. 54)

Desde o processo de apuração, escolha das fontes e dos fatos que se transformarão em notícias, os jornalistas das periferias assumem um compromisso com o público, ao oferecer a realidade oculta pela grande imprensa, tendo como protagonista o morador, aquele que está inserido e vivencia diariamente a realidade periférica. Esse trabalho prevê críticas ao sistema opressor, na tentativa de uma emancipação da condição que coloca esses moradores em posição de subalternidade e vulnerabilidade intelectual.

A reunião de personagens, mediadores (jornalistas) e público potencial num mesmo contexto urbano traz à baila a possibilidade de compreender o potencial dialógico dessa produção jornalística de maneira próxima ao que foi nomeado de diálogo social solidário (ROVIDA, 2015). Este é um tipo de acontecimento raro, embora potencialmente presente no jornalismo comprometido com o diálogo dos afetos (MEDINA, 2003) que (...) possibilita a ampliação do espaço de acontecimento daquilo que Durkheim (2004) chamou de solidariedade orgânica - um tipo de interação social em que os sujeitos diversos se percebem como parte de uma rede de relações mais ampla que supera suas diferenças e, em outros termos, se percebem como parte da sociedade. (ROVIDA, 2018, p. 60)

Esse diálogo solidário acontece em oposição ao modelo “elitizado” de fazer jornalismo. Portanto, os periféricos constroem as narrativas a partir do espectro de suas próprias significações, provando na prática que não funcionam como um sistema reprodutor cultural e comunicacional, à medida em que se inserem na sociedade e passam a fazer parte dela.

Agência Mural de Jornalismo das Periferias

Uma das integrantes da Rede Jornalistas das Periferias é a *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*, que nasceu em 2015 como desdobramento do blog *Mural*, hospedado no jornal *Folha de S. Paulo*. A iniciativa do projeto teve início cinco anos

antes, durante um treinamento de jornalismo que reuniu mais de 100 jornalistas supervisionados pelo repórter da *BBC*, Bruno Garcez, na sede da *Folha*. O objetivo destes profissionais era

formar uma rede de “correspondentes comunitários” que pudessem oferecer, na produção colaborativa de conteúdo, uma “visão de dentro” que não entra em pauta na grande mídia. Com os correspondentes, objetivava-se impulsionar a criação de núcleos geradores de notícias nas periferias de São Paulo, o Mural servindo como o “(...) nó unificador desta rede, viabilizando a articulação com diferentes agentes, quer sejam representantes da grande mídia, quer sejam os próprios jornalistas cidadãos”. (GARCEZ apud TAVARES, 2019, online, p.108)

Esta “rede de correspondentes comunitários” é constituída por estudantes e pessoas formadas na área de comunicação que residem nas periferias da Grande São Paulo. Os muralistas, como ficaram posteriormente conhecidos, desde o princípio sugerem pautas de relevância sobre o local ou região em que vivem, assumindo, assim, a responsabilidade de realizar um jornalismo que desconstrua estereótipos ao reportar o cotidiano das periferias.

Em novembro de 2015, o blog *Mural* se transformou em uma agência de notícias, a *Agência Mural de Jornalismo das Periferias*. Somente em 2017 a *Mural* foi formalizada como associação sem fins lucrativos, com o apoio de um financiamento coletivo. Em 2018, o projeto foi contemplado com o financiamento do programa de jornalismo independente da *Open Society Foundations*, para dar suporte no desenvolvimento da *Agência*. Ao contarem com estes recursos, lançaram o próprio *site* para ampliar a cobertura jornalística publicada no *blog* da *Folha* e no *32xSP*⁴. (TAVARES, 2019, online, p.111-112)

Essa transição não aconteceu apenas com o objetivo de ampliar o número de publicações e material jornalístico. Isso aconteceu com o intuito de obter uma plataforma única que permitisse o exercício de um jornalismo comprometido com a redução das desigualdades, conforme propõe um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU)⁵.

⁴ Projeto de cobertura jornalística de trinta e duas prefeituras regionais de São Paulo estabelecido em 2016, em parceria com a Rede Nossa São Paulo.

⁵ A Agência Mural propõe como meta produzir um jornalismo que tenha como meta o décimo objetivo (redução das desigualdades) dos ODS, um calendário de metas proposto pela Agenda 2030 da ONU.

Para atingir esse objetivo, a *Mural* trabalha em torno dos *10 Princípios da Cobertura Jornalística das Periferias* - uma espécie de manual de redação da agência -, listados a seguir:

1. Não utilizar a palavra “carente”;
2. Tomar cuidado com o sensacionalismo e evitar clichês;
3. Não comprovar teses próprias em uma pauta;
4. Lembrar que crianças das periferias e os moradores em geral não são “coitados”;
5. Fugir de lugares comuns ao falar sobre esses moradores;
6. Não subestimar a capacidade política dos moradores das periferias;
7. Lembrar que há níveis de renda distintos;
8. A periferia não é só escassez de infraestrutura;
9. Ter o cuidado de ouvir uma voz de quem mora na região ao tratar de um tema relacionado à periferia;
10. Não esquecer que os bairros localizados nas periferias fazem parte da cidade como qualquer outro bairro.

A partir destes princípios, entende-se o posicionamento de reflexão da linha editorial da *Agência*, que preza pelo preenchimento das lacunas de informação na grande mídia e pela desconstrução de estereótipos sobre as periferias. Na coleta de dados feita por Tavares (2019), em entrevistas com integrantes da redação, a autora conclui que o morador destes locais se torna fonte prioritária na produção jornalística da *Mural*.

O grupo entende como imprescindível ouvir as pessoas que vivem as situações no seu cotidiano. Seguindo o protocolo jornalístico, ouvem também as “fontes oficiais”, representantes do governo, por exemplo. Mas percebem na imprensa comercial a falta de atenção às pessoas, o que faria com que a maior parte do público não se identifique com a cobertura, e tentam suprir essa falta. (TAVARES, 2019, online, p.115)

Além disso, a autora afirma que a diversidade na constituição da equipe agrega na qualidade da cobertura feita, uma vez que cada muralista corresponde um olhar singular diante de sua localização, dando credibilidade ao transmitir informações a seu respeito. “Aqueles que entendem a proposta de valorização do território passam a olhar mais para o próprio entorno e entender seu bairro de maneira mais aprofundada”. (TAVARES, 2019, online, p.116)

Metodologia

A metodologia qualitativa apresentada para a efetivação desta pesquisa é a análise de enquadramento noticioso (news frame), que auxiliará na compreensão da imagem social das periferias, a partir do olhar do jornalismo exercido pela *Agência Mural*. Nesse sentido, o enquadramento é apresentado “como alternativa a paradigmas em declínio, como também, um complemento importante para cobrir lacunas de teorias existentes” (PORTO, 2002, apud. LEAL, 2007 p. 2).

Pioneiro nos estudos, o sociólogo Erving Goffman é responsável pela origem do conceito e dos procedimentos básicos que embasam a análise de enquadramento. Partindo dos preceitos da chamada Sociologia Compreensiva, especialmente no estudo sobre as interações cotidianas, Goffman define o enquadramento da seguinte maneira:

Definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos [...] e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadrar é a palavra que eu uso para referir a esses elementos básicos como eu sou capaz de identificar (GOFFMAN, 1974, p. 10, apud. LEAL, 2007, p. 3).

Ao se fundamentarem no conceito proposto por Goffman, estudiosos passaram a revisá-lo e construir novas angulações para o aperfeiçoamento da análise, principalmente nos estudos jornalísticos. A partir da síntese de Todd Gitlin (1980), que define os enquadramentos midiáticos como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão”, Robert Entman (1993) integra o conceito básico de enquadramento com a noção de hegemonia midiática, resultando, por sua vez, na seguinte definição de *framing*:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, 1993, p. 52)

A definição de Entman se torna, portanto, o princípio norteador desta metodologia que possibilita abordagens distintas, de acordo com o campo de pesquisa. A partir dela, serão considerados os tipos de enquadramento da cobertura jornalística, propostos por Danilo Rothberg, destacando, no entanto, apenas o enquadramento temático, o qual “envolve pluralismo e equilíbrio, que podem então ser considerados como elementos

capazes de conduzir à superação da fragmentação, superficialidade e tendência ao entretenimento contidos nos enquadramentos de conflito” (ROTHBERG, 2010, p.58).

Jornalismo de periferia como gênero jornalístico

Jorge Medina (2001) propõe, no artigo *Gêneros Jornalísticos: repensando a questão*, a ideia de que o gênero base do jornalismo é a notícia, definida por ele como “o relato puro dos acontecimentos”. Partindo do pressuposto de que gêneros existem para nortear o leitor acerca do estilo e da estrutura empregada pelo jornalista na produção de seus textos, o autor se refere a Marques de Melo para concluir que:

Se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação se restringe a universos culturais delimitados. Por mais que as empresas jornalísticas assumam hoje uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, permanecem, contudo, as especificidades nacionais ou regionais que ordenam o processo de recodificação das mensagens importadas. Tais especificidades não excluem as articulações interculturais que muitas vezes subsistem através das línguas e são prolongamentos do colonialismo (MELO, 1985 apud. MEDINA, 2001, p. 49).

Considerando a relação dialógica mencionada por Marques de Melo, no contexto do jornalismo de periferia, pode-se constatar - pelo uso da linguagem e das temáticas que perpassam as editorias da *Agência Mural* - que há interferência de um universo culturalmente delimitado, ou seja, o universo periférico. Ao trabalhar em torno das diferenças (étnicas e nacionais), desigualdades (sociais) e desconexões (campo comunicacional e informático), Nestor Garcia Canclini (2007, p.91) observa que “nas culturas populares existem manifestações simbólicas e estéticas próprias, cujo sentido supera o pragmatismo cotidiano”.

O conjunto de especificidades culturais presentes nestas regiões é resultado da fusão de distintas raízes históricas, como um reflexo das matrizes étnicas que constituem o Brasil. Embora a modernidade tenha possibilitado novas formas de produção da cultura nestes locais, incluindo os integrantes que habitam estas regiões, na prática, ainda há dificuldade no processo de aceitação e de visibilidade. Isso acabou resultando na busca de domínios para conexão, tendo como objetivo o ganho de visibilidade para os periféricos se manterem ativos, presentes e autônomos.

Diante de uma produção independente e sem vínculos com a estrutura editorial de outros veículos de comunicação em massa, o jornalismo das periferias utiliza das ferramentas e técnicas de apuração presentes na estrutura operativa da profissão, porém, superando o pragmatismo do modelo de produção da grande mídia. Com isso, agências de notícias periféricas como a *Mural* constroem, com os dados coletados, narrativas que levam em consideração as características culturais do ambiente em que atuam.

O que pode ser observado, de maneira geral, na construção das narrativas feitas pela *Mural* é que a crítica social de uma população que vive às margens das cidades está sempre em evidência. Tendo como base a definição de *news frame* de Entman e o enquadramento temático de Rothberg, a inserção e a vivência dos jornalistas no ambiente periférico permitem superar a superficialidade e dar destaque às temáticas e angulações não exploradas pela grande mídia. Para que isto seja efetivo nas produções, faz-se necessária uma organização por parte do veículo de comunicação.

De acordo com Mikhail Bakhtin (apud. MEDINA, 2001, p. 46), “o gênero orienta o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio”. Esta perspectiva, quando aliada à desconstrução dos estereótipos e ao preenchimento das lacunas de informação presentes na grande mídia sobre as periferias, resulta em um novo modelo de organização que orienta a linguagem utilizada nas narrativas.

Assim, considerando os *10 Princípios da Cobertura Jornalística das Periferias* propostos pela *Mural*, observa-se que há uma estrutura pré-estabelecida que norteia o jornalista e, conseqüentemente, é indicada ao leitor quando consome a informação em um portal ou um *blog* de notícias periféricas. Em outras palavras, tal estrutura pode ser compreendida como um gênero jornalístico: o gênero periférico.

Considerações finais

Os gêneros jornalísticos são um dos pilares fundamentais para a prática do jornalismo. A partir deles, o profissional da área consegue se guiar ao esquematizar a transmissão de uma informação em um formato por ele determinado. Com base em anos de estudos e referenciais teóricos, autores como José Marques de Melo, Luiz Beltrão e Martínez Albertos fundamentaram cinco critérios para identificação dos gêneros. Ao

analisá-los com clareza diante dos contextos econômico, social, político e cultural, junto aos modos de produção jornalísticos, pode-se evidenciar novos gêneros.

Partindo deste pressuposto, o surgimento e o exercício do jornalismo de periferia - uma das vertentes do jornalismo independente - emerge diante de contextos de reparo da identidade social periférica. Para que este objetivo seja alcançado, blogs e portais de notícias alternativos estabelecem parâmetros e normas a serem seguidas nas coberturas jornalísticas e na produção de conteúdo informativo, como acontece no caso da *Agência Mural*.

Todo o processo realizado pelos jornalistas da agência passa pelo espectro de superação das características superficiais que rotulam as periferias dentro da grande mídia. Desta forma, perante o enquadramento, majoritariamente, feito em torno de temáticas que evidenciam a realidade das periferias e as críticas sociais feitas pelos protagonistas das narrativas - jornalistas e moradores das regiões -, nota-se que há um cuidado ao se tratar destas questões. Cuidado este que é proposto pelos *10 Princípios da Cobertura Jornalística das Periferias*, desenvolvidos com o intuito de guiar as produções jornalísticas da *Mural* e de permitir a identificação de uma estrutura, que pode ser considerada como gênero, por parte do leitor.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA MURAL. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/>. Acesso em ago. 2020.

AGÊNCIA MURAL. **Princípios**. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/principios/>. Acesso em: ago. 2020.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

ENTMAN, Robert Mathew. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, Autumn, v. 43, n. 4, p. 51-58, dez. 1993.

LEAL, Plínio. Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso. *Compólitica*, Rio de Janeiro, 2, 2007, **Anais**. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_jp-plinio.pdf. Acesso em: ago. 2020

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**, Pernambuco, v. 1, p. 45-55, jan-jun 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>. Acesso em: out. 2020.

ONU BRASIL. **Especiais**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>. Acesso em: ago. 2020.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo**. Covilhã: LabCom Books, 2010. p. 53-68.

ROVIDA, Mara. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 12 (1), p. 50-65, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.149085>. Acesso em: ago. 2020

SEIXAS, Lia. Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. **XIII Compós**, São Bernardo do Campo, 2004. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_665.pdf. Acesso em: out. 2020.

SILVEIRA, Ada Cristina. Modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. **Revista GHREBH**, São Paulo, v.14, p. 157-176, out. 2009. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2014/13_silveira.pdf. Acesso em: ago. 2020.

TAVARES, Luisa. **O jornalismo das periferias de São Paulo: entre a experimentação e a atualização de práticas convencionais**. Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick, 2019, 181 f. dissertação (mestrado) - Curso Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luisa_Tavares/publication/336653546_O_jornalismo_das_periferias_de_Sao_Paulo_entre_a_experimentacao_e_a_atualizacao_de_praticas_convencionais/links/5daa08a7299bf111d4be6479/O-jornalismo-das-periferias-de-Sao-Paulo-entre-a-experimentacao-e-a-atualizacao-de-praticas-convencionais.pdf. Acesso em: ago. 2020